



A Incomunicabilidade Dentro do Contexto da Cibercultura¹

Júlia Tudella Bianco²

Tales Tomaz³

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Engenheiro Coelho, SP

Resumo

Esse estudo analisa a natureza da incomunicabilidade humana e como tal realidade se encontra nos dias de hoje, dentro de uma sociedade pós-moderna, líquida, cibercultural e dromocrática. Para tanto, utilizando tais conceitos, relacionará a incomunicabilidade ao desenvolvimento tecnológico e à transformação da mentalidade social, para então propor quais comportamentos são reforçados e quais as influências que cada um dos fatores citados pode vir a causar.

Palavras-chave

Incomunicabilidade; cibercultura; pós-modernidade; liquidez; dromocracia.

Esse estudo tem como objetivo analisar dentro do contexto atual os níveis de incomunicabilidade, se a estrutura social existente reforça esse comportamento e quais tipos de consequência isso traria. Para tanto, relacionará a incomunicabilidade ao desenvolvimento tecnológico e à transformação da mentalidade social. Serão propostas reflexões sobre como tal realidade se encontra nos dias de hoje, tomando como base os conceitos de sociedade pós-moderna, líquida, cibercultural e dromocrática.

Podemos dizer que a característica da incomunicabilidade humana, a qual traz consigo a ideia da dificuldade em se comunicar, encontra-se fortalecida dentro de uma sociedade tão adepta das novas tecnologias? Quais características da sociedade atual ressaltam e promovem a incomunicabilidade e como isso pode afetar o ser humano em seu comportamento e saúde psicossocial? Se a incomunicabilidade realmente tem sido reforçada na realidade atual, existe algum malefício nisso?

Durante o decorrer da história, podemos notar algumas transformações no pensamento predominante que definia como a vida era encarada. Segundo os pensamentos de Ciro Marcondes Filho (2004), podemos determinar três períodos distintos: o teocentrismo, que dura até 1700/1800, onde o ser humano coloca em Deus a definição da vida e, assim, existe uma completa submissão à vontade divina. Nessa sociedade, o pensamento principal é de obediência e não de conquista. Há um certo “determinismo”, “conformismo”, onde não é

¹ Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Publicidade e Prooaganda do UNASP-EC, email: juliatudellabianco@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP-EC), email: tales.tomaz@unasp.edu.br



permitido questionar ou duvidar. Segundo Ciro (2004), nessa sociedade o único agente unificante é Deus. O período seguinte é a modernidade, chamado antropocentrismo. O ser humano muda o centro do seu pensamento: a solução deixa de ser Deus e passa a ser o próprio ser humano, confiando que o conhecimento levaria o mundo ao progresso. Além disso, o ser humano passa a se ver como merecedor. Nessa época as chamadas meta-narrativas, teorias humanas para solucionar os grandes problemas que anteriormente caberiam a Deus resolver, ganham destaque. São criados o liberalismo e o socialismo. A terceira fase é o tecnocentrismo, suposta época vivida na atualidade. Segundo Ciro Marcondes (2004), nós costumamos olhar os dias de hoje sob um olhar antropocêntrico, e então acreditamos que as ferramentas tecnológicas são apenas utensílios que servem ao ser humano. Entretanto, tal autor defende que as coisas funcionam de uma maneira diferente. Para ele, “no mundo tecnocêntrico, o homem submete-se a esse controle generalizado das máquinas” (MARCONDES FILHO, 2004, p. 29) e “no momento em que transfere suas funções às máquinas, abre mão também de grande parte de sua autonomia em relação ao controle de suas coisas.” (MARCONDES FILHO, 2004, p. 29). A supervalorização das tecnologias pode ser explicada pela grande decepção do ser humano consigo mesmo, ao se deparar com o fracasso das meta-narrativas. Sob esse ponto de vista, a humanidade se encontraria mais debilitada e fraca, e assim suscetível a supervalorizar as tecnologias. É aí que surge a chamada Cibercultura, definida por André Lemos e Paulo Cunha (2003, p.14) como “cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais”.

Outro pensamento que devemos considerar nesse estudo é a lógica do consumo. Até 1970 a economia era centrada na produção e não no consumo. Depois disso, os produtos vieram deixando de ser meramente utensílios e tornando-se signos. O que você consome dá valor e significado à sua vida, isso promove uma lógica constante de um produto ter que se apresentar como desejável e o consumidor tem que estar constantemente se associando aos produtos certos. Além disso, dentro das redes sociais *online* se pode notar tal comportamento presente nos próprios indivíduos, que tentam se vender da forma mais desejável para poderem se sentir bem com eles mesmos (TOMAZ, 2011).

Além disso, ao entrarmos agora em uma comparação entre a modernidade e a pós-modernidade, podemos notar algumas diferenças ligadas ao pensamento principal que se refletem diretamente no comportamento da sociedade. A modernidade era otimista, confiante.

¹ Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Publicidade e Prooaganda do UNASP-EC, email: juliatudellabianco@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP-EC), email: tales.tomaz@unaspedu.br



O indivíduo acreditava em si mesmo e em todo o conhecimento humano disponível. Confiava no progresso e tinha certo em sua mente para onde deveria ir e como fazer para chegar lá, “o tempo tinha sua ‘frente’ e seu ‘atrás’, uma pessoa era incitada e empurrada a andar ‘para frente com o tempo’” (BAUMAN, 1998, p. 110). Existia uma sociedade mais sólida, mais “determinada”, por assim dizer.

Nesse mundo estruturado, uma pessoa podia perder-se, mas também podia achar seu caminho e chegar exatamente aonde pretendia estar. A diferença entre se perder e chegar era feita de conhecimento e determinação: o conhecimento da estrutura do tempo-espço e a determinação de seguir, fosse qual fosse, o itinerário escolhido (BAUMAN, 1998, p.110).

Tal sociedade permitia que o indivíduo tivesse mais segurança de seus propósitos e caminhos a seguir, ele sabia quais eram seus objetivos e que poderia alcançá-los.

No outro extremo, a insegurança transmitida pelo mundo pós-moderno, dentro de sociedades ciberculturais, nos passa angústia e aflição pela incerteza do logro e incerteza de pertencimento ao sistema social. Entende-se que a pós-modernidade se estabelece na década de 1970. O termo “pós-modernidade” difere do termo “pós-modernismo” por se referir não só à um tipo de pensamento, mas também à um período histórico específico. Após-modernidade traz um pensamento que questiona as verdades clássicas: razão, identidade, objetividade, progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos de explicação como definitivos. O mundo passa a ser visto como um lugar instável onde existem muitas culturas e explicações para tudo, o que promove um certo ceticismo em relação a própria existência da verdade. Surge o mundo “efêmero e descentralizado da tecnologia” (EAGLETON, 1998). Nesse período os conceitos cristalizados na modernidade começam a ser questionados e por isso a pós-modernidade é definida como a época das incertezas.

A ação humana não se torna mais frágil e errática: é o mundo em que ela tenta inscrever-se e pelo qual procura orientar-se que parece ter-se tornado assim. Como pode alguém viver a sua vida como peregrinação se os relicários e santuários são mudados de um lado para o outro, são profanados, tornados sacrossantos e depois novamente ímpios num período de tempo mais curto do que levaria a jornada para alcançá-los? Como pode alguém investir numa realização

¹ Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Publicidade e Prooaganda do UNASP-EC, email: juliatudellabianco@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP-EC), email: tales.tomaz@unaspedu.br



de vida inteira, se hoje os valores são obrigados a se desvalorizar e, amanhã, se dilatar? (BAUMAN, 1998, p. 112).

Nesse contexto a violência da velocidade passa a atingir um outro nível da vida humana, o lazer. Segundo Eugênio Trivinho (2007), a velocidade está acima da decisão e vontade humana, é um processo cultural que se mantém por si só. “Docemente bárbara, como todo refinado apanágio do poder, ela se manifesta por seus efeitos [a exemplo do inconsciente, que não está em parte alguma (dentro e fora do sujeito) e, não obstante, age (e o determina)]” (TRIVINHO, 2007, p. 93). Trivinho defende que a velocidade sempre esteve presente, durante toda a história, e quem fosse mais veloz sempre seria o vencedor, pois a “violência da velocidade se estrutura como lema; conforme sinalizado, ela convoca (sem convocar) os seres a se fazerem à sua imagem” (TRIVINHO, 2007, p. 98). Entretanto, Trivinho defende que, durante o desenvolver da história humana, a violência da velocidade foi se tornando cada vez mais abrangente. Fazendo uma relação com as divisões de Ciro Marcondes Filho (2004), podemos dizer que durante o período do teocentrismo, a violência dominava a guerra, os combates. Durante a mudança de pensamento para o antropocentrismo, a violência da velocidade passa a dominar também o trabalho. Quem produzisse mais em menos tempo, ganhava e se estabelecia como dominante dentro do sistema social. A velocidade dentro da esfera do trabalho é entendida por Trivinho (2007) como produtividade. Dentro do tecnocentrismo ela atingiu os níveis do lazer, tempo livre e relacionamentos sociais, entendida por Trivinho (2007) como intensidade. Para ele a velocidade vem apagando a diferença entre o funcionamento do mundo do trabalho e do mundo do lazer. Dentro desse contexto, os seres humanos estão sempre contra o tempo, em todas as áreas de sua vida. Além disso, a velocidade é “o que move a tudo e a todos” (TRIVINHO, 2007, p. 95),

A violência da velocidade é o halo que anima desde os objetos técnicos (equipamentos de produção, veículos de transportes, eletrodomésticos etc.) até a ordem da informação transnacional. Ela é o fio condutor de todos os tipos de concorrência e de tendência, em especial no âmbito econômico financeiro. Acumplicia seres e máquinas, no trabalho e no consumo (TRIVINHO, 2007, p. 95).

Continuando na linha de pensamento de Trivinho, o chamado regime da “dromocracia cibercultural” (TRIVINHO, 2007, p. 101) se faz necessário no contexto dromocrático em que

¹ Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Publicidade e Prooaganda do UNASP-EC, email: juliatudellabianco@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP-EC), email: tales.tomaz@unaspedu.br



vivemos. Trivinho defende que dentro da cibercultura as tecnologias aumentaram, se desenvolveram e potencializaram o poder da dromocracia, contexto em que “a velocidade se vê como vetor organizatório” (TRIVINHO, 2007, p. 101). A vida social se torna quase uma com as novas tecnologias, e é necessário que os indivíduos se adaptem para sobreviver, se tornem “dromoaptos”. Você precisa dominar as tecnologias e ser veloz. Entretanto,

[...] a exigência compulsória é um pesado fardo para o cérebro humano (norteadado pelo *logos* ocidental), sistema biopsíquico cultural historicamente herdado que, do ponto de vista do simbólico processado ao nível racional (instrumental ou abstrato), tem na lentidão um dos atributos definidores de sua própria identidade (TRIVINHO, 2007, p. 99).

Por tal razão, o humano fica prejudicado dentro de uma sociedade que exige que ele não pare a fim de alcançar o êxito, a fim de não se tornar “lixo humano” (BAUMAN, 2004, p. 148). O indivíduo sofre consequências relacionadas a isso, “a velocidade preserva a carcaça dos seres (e ainda assim muito precariamente), destruindo-lhes os processos neuropsíquicos.” (TRIVINHO, 2007, p. 99). Até mesmo os otimistas assumem que “o tempo real pode inibir a reflexão, o discurso bem construído e a argumentação” (LEMOS; CUNHA, 2003, p.16). A dromocracia, porém, é uma forma de violência sutil, as pessoas se adaptam à ela sem questionar.

Segundo Bauman, dentro da sociedade líquida em que vivemos, definida como “uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir” (BAUMAN, 2005, p. 7), os laços devem ser frouxos e revogáveis para que o indivíduo esteja sempre livre o suficiente para se readaptar as condições que mudam com tanta rapidez e facilidade. Poucos percebem e assumem os riscos e males provocados pela rotina e realidade na qual vivemos hoje. Entretanto, a falta de laços e de estabilidade emocional nos traz injúrias. Nós vivemos em uma sociedade doente, que, por consequência, dá a luz à indivíduos doentes. Como disse Bauman,

[...] as pessoas estão desgastadas e mortalmente fatigadas em consequência de testes de adequação eternamente inconclusos, assustadas até a alma pela misteriosa e inexplicável precariedade de seus destinos e pelas névoas globais que ocultam suas esperanças,

¹ Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Publicidade e Prooaganda do UNASP-EC, email: juliatudellabianco@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP-EC), email: tales.tomaz@unaspedu.br



buscam desesperadamente os culpados por seus problemas e tribulações (BAUMAN, 2004, p. 143).

A partir de então, por viver dentro de uma sociedade que lhe exige exposição e experimentação, esse indivíduo concentra-se em si mesmo, tentando se manter dentro de uma área segura para continuar convivendo, se relacionando, sendo que essa é uma necessidade intrínseca. Como diz Contrera (2005), nós nascemos e desde então buscamos no outro a solução para a nossa incompletude, “e a serviço do fortalecimento desses vínculos colocamos toda a nossa capacidade de linguagem” (CONTRERA, 2005, p. 48). Entretanto, a incomunicabilidade “é o mal do século. Nosso século é o século da incomunicação” (MARCONDES FILHO, 2008, p. 13), pois, apesar de todos os inúmeros meios de comunicação que estão disponíveis para nós dentro da realidade cibercultural, eles

Não melhoraram nossos relacionamentos, não reduzimos nossa sensação de estarmos sós, não nos tornam mais felizes, não realizaram a promessa que faziam. Pelo simples motivo que essa promessa – a promessa da felicidade, de aconchego, de proximidade, de prazer com o outro, de amparo, de ligação, de companheirismo, de apoio – não tem nada a ver com esses aparelhos de comunicação. Eles apenas embaralham mais as coisas, escondem-nas, criam uma situação de festa e empolgação que nos impede de ver que, além dela, além de todos esses objetos, além de todos esses aparelhos, ainda há seres humanos, pessoas como você e eu – caro leitor – que sentimos a necessidade de outras pessoas (MARCONDES FILHO, 2008, p. 13).

Se torna claro que o relacionamento dentro do virtual não substitui nem supre todas as necessidades que o relacionamento pessoal “ao vivo”, por assim dizer, supre.

A família, o trabalho, a escola, o clube são espaços em que as pessoas estão próximas. Próximas fisicamente, posso tocá-las, beijá-las, abraçá-las. Eu tenho a sensação de que não estou só no mundo. [...] Precisamos disso, isso é o nosso alimento da alma, não dá para viver sem o contato com as pessoas, nós enlouqueceríamos (MARCONDES FILHO, 2008, p. 14).

Sendo assim, podemos dizer que dentro de uma realidade onde as relações interpessoais acontecem muito mais *online* do que *off-line*, nossa saúde psicossocial se vê injuriada, debilitada. Contrera (2005) diz que a distância impossibilita a entrega e que o amor

¹ Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Publicidade e Prooaganda do UNASP-EC, email: juliatudellabianco@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP-EC), email: tales.tomaz@unaspedu.br



é exatamente o oposto, o amor é “o território da proximidade e da sensorialidade” (CONTRERA, 2005, p. 56).

Imobilidade e distância é a condição imposta ao corpo do homem contemporâneo mediatizado por infinitas telas. E se a idéia de movimento é fundamental para a comunicação, também uma proximidade bem instaurada é tão importante nesse contexto (CONTRERA, 2005, p. 57).

Entretanto, por que agiríamos assim? Por que escolheríamos um relacionamento distante mesmo que insuficiente para satisfazer nossas necessidades emocionais?

Segundo Bauman, vivemos uma espécie de conflito: “a fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes (estimulados por tal sentimento) de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos” (2004, p. 8). A insegurança e a necessidade de se manter dentro do complexo funcionamento da sociedade e regime vigente fazem com que o indivíduo exercite a habilidade de se desvencilhar facilmente de laços, para que possa continuar adaptando-se às novas situações, tal como o líquido se adapta ao recipiente no qual ele é colocado. Dentro da sociedade líquida, “amarrar o futuro é algo tão irrealizável quanto apreciado” (BAUMAN, 2004, p. 25). A humanidade vive à espera do melhor, que ainda está por vir. Pessoas, “que tiveram as vidas fatiadas em episódios e que vivem como servas dos episódios futuros” (BAUMAN, 2004, p. 39), vivem sob o paradigma de que “quanto menos você investir no relacionamento, menos inseguro vai se sentir quando for exposto às flutuações de suas emoções futuras” (BAUMAN, 2004, p. 37). Entretanto, “onde há dois não há certeza” (BAUMAN, 2004, p. 35). Segundo Ciro Marcondes Filho (2008, p. 14), “a comunicação plena, absoluta, total é impossível”, além disso, “os seres humanos dificilmente se comunicam” (MARCONDES FILHO, 2008, p.16). Esses fatores tornariam o relacionamento ainda mais inseguro. Como depositar sua confiança em algo que você não entende completamente? Assim, a falta humana de sentir-se completo seria resolvida de que maneira? Sendo que “a solidão produz insegurança – mas o relacionamento não parece fazer outra coisa” (BAUMAN, 2004, p. 30).

A rapidez com que tudo ocorre dentro da sociedade atual, somada a pressão causada pela necessidade de o indivíduo se afirmar dentro de uma sociedade regida pelo consumo, cria insegurança. Além disso, a incomunicabilidade humana faz com que essa insegurança

¹ Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Publicidade e Prooaganda do UNASP-EC, email: juliatudellabianco@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP-EC), email: tales.tomaz@unasp.edu.br



amente e os relacionamentos mais sólidos e duradouros se tornem indesejáveis. O indivíduo decide, por proteção, manter “tudo e todos sensorialmente à distância no conforto e na segurança assépticos das comunicações mediadas pelas novas tecnologias” (CONTRERA, 2005, p. 57). Não romantizaria essa conclusão como proteção de sentimentos, com medo de se magoar, apesar de essa também poder também ser uma das razões. Entretanto, o sujeito tem medo de comprometer seu futuro, de abrir mão de outras possibilidades e talvez de deixar oportunidades futuras. Tem medo do que pode perder. Por isso, decide manter-se distante.

Dentro desse contexto, o indivíduo se vê totalmente apoiado pelas novas tecnologias. Todos os novos meios de comunicação, cada vez mais individuais, portáteis e constantes, se tornam seus novos aliados. Segundo estudos realizados por Alessandra Coleta, Marília Coleta e José Luiz Guimarães, “A ilusão de proximidade, de conhecimento e intimidade a despeito das - às vezes, enormes - distâncias geográficas é um dos aspectos negativos da virtualidade” (2008, p. 280).

Outro contraponto, e um dos mais sérios, é a fuga da "realidade real", quando essa não é, ou não está das melhores, o que, muito provavelmente, é parte do que está por trás da tão alardeada adicção na Rede, principalmente nos "chats". O uso da Internet já foi comparado ao uso da cocaína [...] , sendo esta comparação feita em virtude da semelhança dos sintomas apresentados pelos viciados em ambas, como palpitações, tremores, sombras diante dos olhos, confusão mental, como também sintomas fracamente psicóticos com delírios de ciúmes, alucinações e idéias de perseguição. [...] os relacionamentos através da Internet produzem uma inversão das relações sociais vistas pela sociologia clássica. Enquanto esta última afirmava que a relação social necessitava da materialidade, o ciberespaço, ao contrário, não condiciona a relação social ao contato face a face, mas a um sentimento coletivo, à lógica do estar-junto, mesmo num espaço desterritorializado. Há um redimensionamento do processo da relação interpessoal e social. (Coleta *et. al.*, 2008, p. 280).

Ciro Marcondes Filho (2007) afirma que a violência da velocidade força o ser humano à viver em um nível de intensidade que o leva ao stress, definido por ele como “excesso corporal de informação e de procedimentos diários, com suas consequências de praxe: dispersão e vazio existencial” (MARCONDES FILHO, 2007, p. 99). Além do stress, Ciro também cita algumas outras doenças que segundo ele são causadas pela dromocracia, como a

[...] neurastenia (frenesi pelo entretenimento e pelo consumo), o TOC (transtorno obsessivo compulsivo) (imersão no imaginário modelado pela agenda e pela estética dos *media*) e, no limite, à depressão crônica e ao

¹ Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Publicidade e Prooaganda do UNASP-EC, email: juliatudellabianco@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP-EC), email: tales.tomaz@unaspedu.br



pânico (por impossibilidade ou incapacidade de dar conta do princípio tecnológico e dromocrático real), e, ainda, à esquizoidia pós-moderna [a vulnerabilidade autodestrutiva a todos os fluxos socioculturais, sobretudo mediáticos [...]], entre outras enfermidades tipicamente urbanas. (MARCONDES FILHO, 2007, p. 99).

Estudos apontam que o comportamento suicida, por exemplo, pode ser provocado por estímulos externos, e que quando há muito stress psicológico essas taxas aumentam (HESKETH; CASTRO, 1978). Segundo Morris, citado por Hesketh e Castro (1978, p. 4), uma das causas mais frequentes do stress psicológico são os conflitos interpessoais.

Percebemos então que a mudança do pensamento humano fez com que ele se sentisse menos seguro e confiante em relação à ele mesmo. Além disso, se encontra hoje em um contexto onde se vê cercado por suas criações e ao mesmo tempo transfere parte de sua autonomia para elas. A violência da velocidade se instalou em sua vida de forma que o controla mesmo quando está em tempo de lazer. A sociedade pós-moderna e líquida é uma sociedade que traz insegurança aos indivíduos, onde buscam ser aceitos e para isso tentam estar sempre associados aos produtos corretos. Toda essa insegurança desgasta os seres sociais, mas é necessário que eles continuem se relacionando e se comunicando. Sem essa necessidade. Os inúmeros meios de comunicação da atualidade cibercultural, que prometiam facilitar a comunicação e o relacionamento, não o fazem. Ao contrário, tornam o relacionamento mais distante, o que promove a incomunicabilidade. À partir de todas essas constatações, podemos concluir e defender que o ser humano não se recria ou se transforma por conta das novas tecnologias. Por toda sua insegurança, causada pelo contexto pós-moderno, líquido e dromocrático, e previa característica de incomunicabilidade, o indivíduo se vê apenas em uma realidade onde recebe as condições necessárias para se entregar às suas próprias fraquezas. As tecnologias servem como um reforço aos hábitos e tendências que muitas vezes são prejudiciais para ele próprio. A incomunicabilidade não é produto da cibercultura e das tecnologias. Entretanto, se vê aumentada e fertilizada dentro do contexto onde a falta de conhecimento e intimidade causadas pela virtualização dos relacionamentos constroem a realidade. As tecnologias servem como muletas que nos permitem atrofiar nossos músculos com consentimento social e pessoal. Temos permissão para nos escondermos e para evitar o que nos parece difícil, mesmo que esse desvio traga consequências posteriores muito mais fortes para a nossa vida e saúde psicossocial.

¹ Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Publicidade e Prooaganda do UNASP-EC, email: juliatudellabianco@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP-EC), email: tales.tomaz@unaspedu.br



Referências Bibliográficas

BAITELLO JUNIOR, N., Org.; CONTRERA, M. S., Org.; MENEZES, J. E. de O., Org.; **Os meios da comunicação**. São Paulo: Annablume; CISC, 2005.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

COLETA, Alessandra dos Santos Menezes Dela; COLETA, Marília Ferreira dela and GUIMARAES, José Luiz. O amor pode ser virtual? O relacionamento amoroso pela Internet. *Psicol. estud.* [online]. 2008, vol.13, n.2, pp. 277-285. < disponível em ISSN 1413-7372. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722008000200010>. >

EAGLETON, T. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

[HESKETH, José Luiz](#) e [CASTRO, Archimedes Guimarães de](#). Fatores correlacionados com a tentativa de suicídio. *Rev. Saúde Pública* [online]. 1978, vol.12, n.2, pp. 138-146. < disponível em ISSN 0034-8910. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89101978000200005>. >

LEMOS, A; CUNHA, P. (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MARCONDES FILHO, C. **Sociedade Tecnológica**, São Paulo: Scipione, 2004.

_____. **Para entender a comunicação**: contatos antecipados com a nova teoria. São Paulo: Paulus, 2008.

TOMAS, T. A. Q. Sujeito-marca: autoprodução semiótica no ciberespaço como estratégia de sobrevivência na era da precariedade. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XVI Congresso de Ciências da Comunicação na região Sudeste, 2011, São Paulo – SP. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2011. p. 1-12.

TRIVINHO, E. **A dromocracia cibercultural**: lógica da vida humana na civilização mediática avançada. São Paulo: Paulus, 2007.

¹ Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Publicidade e Prooaganda do UNASP-EC, email: juliatudellabianco@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP-EC), email: tales.tomaz@unaspedu.br